

PROFESSORES MARCANTES: POR QUE E PARA QUEM? REFLEXÕES SOBRE A NATUREZA DO TRABALHO DOCENTE

Apresentação

O dossiê reúne textos que analisam simultaneamente especificidades do trabalho docente, indagações sobre a sua natureza e experiências de formação/escolarização em perspectiva autobiográfica. Desde há muito, insiste-se sobre o decisivo papel dos professores no desenvolvimento de relações positivas (ou negativas) com as diversas áreas de conhecimento e com a escola. Do mesmo modo, insiste-se no papel relevante que as relações entre professores e alunos exercem sobre histórias de êxito e fracasso nos percursos escolares. Não se pretende aqui sobrecarregar as responsabilidades dessa categoria profissional, mas sim estimular reflexões que, ancoradas em experiências pessoais tanto da condição discente quanto docente, ressaltem a natureza do trabalho de formação. Todos os indivíduos escolarizados seriam capazes de evocar relações pedagógicas com professores marcantes, pessoas que habitam memórias dos aprendizados, do gosto, do amor ou desamor pelas disciplinas escolares. O que estaria no cerne dessas relações? Como favorecer relações pedagógicas férteis com o conhecimento e professores positivamente marcantes? São essas algumas das questões que podem ser tomadas para a reflexão aqui sugerida. Outras questões poderiam incidir sobre relações educativas marcantes fora do domínio escolar: professores que não o são e exercem, no entanto, efeitos marcantes sobre relações com o conhecimento, a leitura e o amor ou desamor, se assim podemos dizer, com a vida do pensamento.

Questões como as propostas aqui ganham visibilidade e estudos mais sistemáticos no

campo educacional a partir da década de 1990, especificamente para o caso paulista, destaca-se a constituição do Grupo de Pesquisa em Docência Memória e Gênero (GEDOMGE), coordenado pelas professoras da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp), Belmira Oliveira Bueno, Cynthia Pereira de Sousa, Denice Barbara Catani e Maria Cecília Cortez C. de Souza. Para as professoras, a retomada das experiências pessoais para pensar a escola, sua cultura e a formação daqueles e daquelas que passam por ela poderia ser um ponto de partida bastante fértil para investigações acerca das identidades, da carreira e da história da profissão docente. As análises articuladas dos fundamentos teóricos com a produção e interpretações de autobiografias e dos relatos de formação escolar mostraram-se potencialmente rica para tratar das questões do ensino e das práticas escolares, o que pode ser constatado em dois dos livros frutos do projeto: *Docência, memória e gênero: estudos sobre formação em 1997*¹ e *A vida e o ofício dos professores*, cuja segunda edição foi publicada em 1998², além de outros artigos e trabalhos divulgados em eventos da área.

Naquele momento, um dos objetivos era contribuir para a constituição de uma *contramemória profissional*, capaz de instigar reflexões mais potentes sobre a profissão e a carreira

1 CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUZA, M. Cecília C. C. e SOUSA, Cynthia Pereira de (Org.). **Docência, memória e Gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

2 CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira e SOUSA, Cynthia Pereira de (Orgs.). **A Vida e o Ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. São Paulo: Escrituras, 1998.

docente e compreender de forma mais acurada “a natureza das relações que cada um de nós mantém com o conhecimento e, mais ainda, as relações e disposições que estamos com nossas práticas de formação favorecendo, nos futuros professores”, conforme Catani e outras autoras. A concepção experiencial da formação de si proporcionada por esse movimento de retomar e narrar a própria vida, não de forma aleatória, mas a propósito de algumas temáticas e acontecimentos, possui articulações muito mais ricas com o conceito tradicional de identidade e de representação do trabalho docente: “porque completa as categorias tradicionais das ciências do humano, dando lugar às vivências refletidas e conscientizadas, integrando assim as dimensões de nosso ser no mundo, nossos registros de expressões, nossas competências genéricas transversais e nossas posições existenciais”, nas palavras de Josso³. O trabalho de pesquisa a partir das histórias que tomam como centro a formação possibilitou evidenciar e questionar heranças, perceber continuidades e rupturas, compreender as mudanças sociais e culturais nas vidas singulares de forma relacionada aos contextos social e profissional. A rememoração de professores ou situações significativas pode adquirir novos ou maiores sentidos quando estamos fora da escola, indicando que os saberes da escola e sobre a escola podem perdurar para além dos espaços, dos tempos e das relações escolares e interferir nos modos de compreender e estar na profissão.

O artigo *Ilusões bem fundamentadas: trabalho docente, memória e autobiografia*, de Afrânio Mendes Catani indica como um de seus propósitos valer-se de uma bibliografia variada que, “em interação com a memória, com o vivido, permite realçar o trabalho docente enquanto variável transformadora de destinos específicos”. Ao sistematizar e descrever momentos

dos seus itinerários de formação e de educação escolar, o autor os mostra, numa análise bem tramada com referências teóricas das ciências humanas, o que gera uma contribuição para o entendimento dos processos sociais ligados à educação e à vida escolar. Comparecem no texto tanto experiências pessoais e os sentidos por elas adquiridos quanto algumas retomadas presentes em obras literárias. A cronologia estabelecida pelo escrito percorre caminhos que vão da entrada na escola à vida no ensino universitário com algumas descrições mais detidas e outras mais passageiras, com as quais vai sendo composta uma “galeria” de professores marcantes. Compõem-se também um quadro das situações formadoras vividas e de importantes intelectuais, empenhados no ensino, nas últimas décadas do século XX, entre nós.

Em *Variações sobre um mesmo tema: escola, memória e professore(a)s*, Débora Mazza nos apresenta algumas perspectivas teóricas a partir das quais podemos/devemos considerar uma retomada do passado tal como sugerido pela proposta do dossiê. Apresenta-nos também reconstruções de suas experiências de formação e escolarização descrevendo episódios e pessoas – família, professores e colegas – que partilharam momentos de sua educação. Questões fecundas são formuladas pela autora ao desenvolver reflexões que cruzam os aliteros teóricos com a história pessoal refeita. Entre as questões, vale sublinhar: “como podemos ser sensíveis aos labirintos profundos de sentimentos descontraídos vividos pelas crianças nos episódios de infância que envolvem a escola?”. E, também, “como podemos atentar mais para os processos de desenvolvimento cognitivo, físico, social e moral das crianças e dos jovens e menos para a transmissão de conteúdos estandarizados, modelos e regras a serem seguidos?”. Essas e outras inquirições presentes no texto convidam o leitor a outros desafios de reconstrução das ex-

3 JOSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

periências pessoais – e o convite é marca das produções autobiográficas potentes.

No artigo *Laerte Ramos de Carvalho: além do homem petrificado*, Bruno Bontempi Junior nos apresenta uma outra possibilidade de compreender a trajetória do educador e político que viveu entre os anos de 1922 e 1972. De sua vasta produção intelectual e política, o autor destaca as intervenções de Laerte Carvalho como professor, jornalista, gestor, pesquisador e autor em uma abordagem histórica e com base em fatos e discursos obtidos em fontes documentais que integram o fundo Laerte Ramos de Carvalho, conservado pelo Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (CMEFEUSP) e outros documentos institucionais, tais como artigos-depoimentos, correspondências e programas de ensino. O objetivo é construir uma imagem mais rica do biografado em cuja trajetória é possível perceber as tensões e contradições dos atos e palavras do intelectual, bem como problematizar a imagem considerada “petrificada” do educador como a figura do “reitor interventor” da Universidade de Brasília (UnB), que empossado em 1965 pelo governo ditatorial, representou a repressão no ambiente universitário e a desestruturação de um projeto alternativo de ensino superior.

Em busca de novas práticas de liberdade: uma autobiografia com Antônio Candeias, Ana Luísa Paz nos apresenta um relato pessoal sobre a formação de uma professora do ensino superior e as influências de seu “professor marcante”: Antônio Candeias (1955-2010). A narrativa autobiográfica organiza-se a partir de duas questões principais: “como posso ser professora do ensino superior na área da Educação? O que aprendi com Antônio Candeias que me permite ocupar este lugar sob o viés da história da educação artística?”. Para elaborar as respostas, Ana Paz seleciona trechos de diários, notas de observação, desenhos,

poemas e outras escritas soltas em um texto que mescla discussões mais teóricas sobre o significado da escrita autobiográfica e as lembranças individuais da autora ao lado do professor. Temas como história da alfabetização e da escolarização nas sociedades modernas, história da educação libertária e a potência da educação artística na constituição das pedagogias contra o Estado são apresentados como heranças do trabalho de orientação e supervisão de Antônio Candeias. O texto não deixa de ser uma homenagem, nas palavras da autora, às lições de vida de Antônio Candeias transmitidas no dia a dia da investigação e do ensino numa universidade portuguesa.

Em Revisitar o passado para refletir sobre o presente: as marcas deixadas por aqueles que ensinam, Juliana de Souza Silva reflete acerca das lembranças sobre sua trajetória escolar e acadêmica e seus professores marcantes. Ao lembrá-los, Juliana Silva desvela os *estilos didáticos* dos seus professores e as lições possibilitadas por eles, assim como os acontecimentos que considera estruturantes para forjar os modos como constitui a sua identidade docente nos dias de hoje. O texto ancora-se na compreensão de que boa parte do que os professores sabem sobre ensino, escola e docência provém de sua própria história de vida e de formação escolar, pois muito antes de ocuparem as salas de aulas como docentes, eles estiveram imersos neste espaço por muitos anos como alunos, de modo que não é incomum que quando comecem a exercer a docência reifiquem certezas constituídas nesse período de suas vidas para solucionarem os problemas atuais de sua profissão. Apoiada nas teorias de Marie-Christine Josso e de Maurice Tardif, Juliana Silva conclui que se tais experiências são estruturantes a ponto de resistirem aos cursos de formação docente, resgatá-las e compreendê-las pode ajudar a termos mais controle sobre o ofício do magistério.

Movimento de rememoração e análise semelhantes ao de Juliana Silva, mas distintos quanto ao tempo e espaço vividos, é realizado por Ana Clara de Rebouças Carvalho no artigo *Memórias de uma trajetória docente: sobre marcas e silenciamentos*. Nesse ensaio, a autora analisa a complexa dimensão relacional do trabalho docente em sala de aula a partir de uma “revisão autobiográfica” sobre as “marcas e as não marcas” das relações tecidas que atravessam sua vida e a de seus estudantes em quatro décadas de escolarização e atuação profissional. Recuperando como ponto de partida as provocações propostas para o dossiê e formulando uma nova questão: o que podemos falar sobre as “não marcas” em relações entre professores e alunos?, a autora propõe a escrita de um duplo lugar: elabora reflexões a partir de uma espécie de inventário das relações que as marcaram e daquelas que não deixaram marcas e, na condição de docente, das possíveis marcas e não marcas permitidas por ela nas relações com centenas de estudantes ao longo de anos de trabalho. As conclusões provisórias indicam que as relações mais marcantes e significativas vividas foram aquelas mais preservadas das tantas fragmentações que ainda configuram hegemonicamente a cultura institucional em todos os níveis de escolarização.

As memórias dos professores marcantes e as ressonâncias dos aprendizados possibilitados por eles na prática atual da docência estão presentes no texto de Maria Rita de Almeida Toledo, intitulado *Aprender História durante a ditadura militar: lembranças da escola de 1º grau*. Maria Rita Toledo retoma a proposta do dossiê para ordenar o que e o como do seu relato e “escolhe lembrar” das experiências escolares do 1º Grau, suas ambiguidades e as contradições da experiência, assim como os modos pelos quais elas incidiram nas formas sensíveis com as quais passou a representar e valorizar o conhecimento histórico. Nas pala-

avras da autora, “se professores e professoras do 2º Grau marcaram meu *habitus* docente, foi na escola em que vivi a meninice e os primeiros anos de adolescência que a minha sensibilidade para a imaginação histórica emergiu”. As marcas dos professores que teve são ressignificadas no tempo presente pelo que Maria Rita compreende sobre a profissão docente e o lugar que ocupa no campo universitário, formando professores de História na graduação e na pós-graduação. Em um movimento pendular, as memórias individuais figuram ao lado das memórias sociais e políticas, dando ênfase em um primeiro momento às experiências escolares nos tempos ditatoriais e, em um segundo momento, às atividades como docente em uma universidade federal pública pensada no âmbito de um projeto governamental que ampliou e democratizou o acesso às universidades.

Notícias de tempos de vida e espaços de formação de fronteiras mais distantes, de outro país, são apresentadas no artigo de Gabriel Alejandro Álvarez Hernández, intitulado *Reflexiones sobre la decisión de ser maestra de preescolar a partir del trabajo autobiográfico*. O autor nos apresenta nesse texto os resultados de pesquisas realizadas com professoras que atuam em pré-escolas da Cidade do México com o objetivo de compreender a natureza da prática docente a partir dos relatos autobiográficos. A dinâmica de trabalho coletivo de contar/escutar a história pessoal se deu passo a passo na construção das histórias autobiográficas permitindo às professoras colocar a sua própria experiência e conhecimento no centro da respectiva escrita e serem protagonistas do seu processo de formação no âmbito da licenciatura. As autobiografias permitiram a elaboração e a exposição de um conjunto de experiências com valor pedagógico, ao mesmo tempo em que evidenciaram os marcos da história pessoal que levaram a buscar com força e entusiasmo serem professoras, retomando

Galvis “[...] o que os professores escrevem torna-se um objeto com valor cultural, pedagógico e existencial rico em significados, que é preciso compreender para melhor distinguir o seu papel na educação. Aqui, a narração é outra forma de construir o vivido” (2018, p. 96⁴).

O artigo *Professores que nos atravessam: trajetória de vida-formação de uma professora de História*, de Tamara de Lima, Amarílis da Costa Silva e Yoshie Ussami Ferrari Leite, também se dedica à análise da história de vida de professores, no caso uma em especial, a professora Antonieta. Atuante na rede estadual paulista há mais de dez anos, Antonieta rememora alguns professores que a marcaram, a inspiraram e a apoiaram, mas também aqueles que contribuíram para que ela quisesse desistir da profissão, deixando suas marcas e contribuições para a constituição do ser e estar na profissão docente. No movimento de narrar sua trajetória de vida-formação, a professora afirma que ser professora “é um modo de luta, luta por uma sociedade mais justa, mais humana e menos desigual. Que possamos ser professores atravessadores!” De acordo com os autores, os professores que *nos atravessam* são aqueles que nos obrigam a “opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar; e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser” (Nóvoa, 2007, p. 10⁵), sendo impossível a separação das dimensões pessoais e profissionais do professor.

A trajetória de formação e de vida de um outro professor é referência no artigo *Educa-dores marcantes: ressonâncias na constituição da identidade docente de um professor de Fí-*

sica, de Wilson Elmer Nascimento, Camila Lima Miranda e Helena Lara Barros de Souza. Nesse texto, os autores argumentam sobre a constituição da identidade docente (Dubar, 2005; 2009⁶) de um professor de Física a partir da elaboração de um retrato sociológico e de uma análise disposicional (Lahire, 2004⁷). Os dados das entrevistas realizadas com o professor e seus estudantes, uma com foco na trajetória do professor em diferentes contextos formativos e a outra prioritariamente biográfica, foram organizados de forma a retratar sociologicamente o professor selecionado a partir de quatro eixos: socialização familiar; experiências escolares potencializadoras; caminhos que levam para o ensino; e práticas profissionais. No patrimônio disposicional do docente, a busca pelo conhecimento se mostrou muito significativa, destacando experiências de formação familiar e escolarização que trazem de forma bastante decisiva a importância dos educadores no desenvolvimento de relações significativas com o conhecimento, com a Física e com a docência.

Esperamos que o conjunto de reflexões que compõem os artigos deste dossiê possa incitar outras, mais férteis, contribuindo para o constante pensar sobre a escola, os processos de formação escolar, o trabalho e a carreira docente.

São Paulo, inverno de 2023

Denice Barbara Catani
Universidade de São Paulo

Renata Marcílio Cândido
Universidade Federal de São Paulo

4 GALVIS, Sebastián. La fenomenología hermenéutica en investigación: A propósito de un estudio sobre reflexión pedagógica desde las parábolas. Chile, Universidad Católica del Norte, **Cuadernos de teología**, ZX (1), p. 94-111, 2018. Disponible en: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7622/pdf> Acceso en: 01 dez. 2022.

5 NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2007. p. 10-25.

6 DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009; DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

7 LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos**: disposições e variações individuais. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos Reuillard; Didier Martin. Porto Alegre: Artmed, 2004. 344 p.